

O AGENTE E O PACIENTE NA PERSPECTIVA DE PROTÓTIPOS

Mariana Fagundes de Oliveira
UEFS

Resumo: Os papéis temáticos *Agente* e *Paciente* constituem o objeto de estudo deste trabalho, cujos objetivos são caracterizá-los e descrevê-los em propriedades semânticas prototípicas e não-prototípicas, na perspectiva da Semântica Lexical e numa abordagem representacional ou mentalista. Neste estudo, é apresentada uma classificação para o *Agente* e para o *Paciente*, trabalhando com seis propriedades semânticas: desencadeador, controle, intenção, causa, afetado e experienciador. Desta forma, são propostos dois tipos de *Agente*: *Agente prototípico* e *Agente afetado*, e três tipos de *Paciente*: *Paciente prototípico*, *Paciente experienciador* e *Paciente agentivo*, num continuum que vai do *Agente* e do *Paciente* mais prototípicos ao *Agente* e ao *Paciente* menos prototípicos; no ponto em que se apresenta, no continuum, o *Agente* menos prototípico, é quando começa o *Paciente* prototípico, e, vice-versa, no ponto onde se apresenta o *Paciente* menos prototípico, que é o *Paciente* agentivo, é quando começa o *Agente* mais prototípico.

Abstract: The thematic role of *Agent* and *Patient* are the target of this study of whose objectives are characterize in prototypical and non prototypical semantic properties, in the perspective of Lexical Semantic and a representational approach or mentalist. In the study, is presented in one classification for *Agent* and the *Patient*, working with six semantic properties: trigger, control, intention, cause, affected and experiencer. In this form, is proposed two types of *Agents*: prototypical *Agent* and affected *Agent*, and three types of *Patient*: prototypical *Patient*, experiencer *Patient* and agentive *Patient*, in the continuum that goes from *Agent* and the *Patient* more prototypical goes to the *Agent* and the *Patient* less prototypical. In the point where is presented in the continuum the *Agent* less prototypical, is when begins the prototypical *Patient*, and, vice-versa, in the point where it presents the *Patient* less

prototypical, that is the agentive Patient, and when begins the Agent more prototypical.

1. Breve introdução

Apresentaremos, neste texto, os papéis temáticos Agente e Paciente, propondo uma caracterização dessas noções em propriedades semânticas prototípicas e não-prototípicas, com base em dados da língua portuguesa (OLIVEIRA, 2009). Trata-se de um estudo de Semântica Lexical, numa abordagem representacional ou mentalista, trabalhando com o conceito de prototipicidade segundo Rosch (1973).

2. Propriedades semânticas e o conceito de protótipo

A nossa opção é tratar os papéis temáticos Agente e Paciente, na perspectiva da Semântica Lexical, caracterizando-os em propriedades semânticas, trabalhando com uma concepção procedimental ou processual do significado, numa abordagem bastante flexível. Para tanto, nos baseamos em Cançado (2003; 2005b), que, por sua vez, se baseia na proposta de Dowty (1989), com a diferença de que, enquanto para este autor papéis temáticos são propriedades não-discretas, agrupadas em dois macro-papéis, ‘Proto-Agent’ e ‘Proto-Patient’, referentes ao número e à qualidade de propriedades acarretadas que tem cada argumento, classificado como X ou Y, a autora prefere tratar os papéis temáticos como compostos por propriedades discretas.

Para Cançado

O papel temático de um argumento, ou seja, o papel semântico que determinado argumento exerce em uma sentença, é definido como sendo o grupo de propriedades atribuídas a esse argumento a partir dos acarretamentos estabelecidos por toda a proposição em que esse argumento encontra-se (CANÇADO, 2003, p. 99).

Baseia-se Cançado, para definir papel temático, tanto na proposta de Dowty (1989), por decompô-los em propriedades semânticas, como na proposta de Franchi (1997), de composicionalidade, por considerar, na atribuição de papéis temáticos e na sua caracterização em propriedades semânticas, os acarretamentos estabelecidos pelo predicado como um todo.

Cançado (2003, p. 102) propõe, depois de analisar, em um processo empírico, a correlação entre as funções sintáticas e semânticas de orações do Português Brasileiro (PB) nas quais se acham os papéis temáticos mais investigados na bibliografia e analisar os acarretamentos destas orações, quatro propriedades semânticas, que são as seguintes:

- a) Desencadeador: ser o desencadeador de um processo.
- b) Afetado: ser afetado por um processo.
- c) Estativo: ser um objeto estativo.
- d) Controle: ter controle sobre um desencadeamento, processo ou estado.

São essas, segundo a autora, as propriedades semânticas fundamentais para o estabelecimento das regras de projeção da semântica na sintaxe, que é o seu propósito teórico, mas não o nosso; por isso não trataremos estas regras aqui.

Entre as propriedades apresentadas por Cançado, lançaremos mão, neste trabalho, para a caracterização do Agente e do Paciente, das propriedades desencadeador, afetado e controle, deixando de fora, por motivos claros, a propriedade estativo, e apresentaremos ainda outras propriedades semânticas que acabam por fazer parte do Agente e do Paciente, em determinados contextos de frase.

A formalização na descrição semântica que apresentaremos dos papéis temáticos Agente e Paciente no domínio do verbo, trabalhando com seus argumentos e adjunções, é feita, portanto, na perspectiva da Semântica Lexical, baseando-nos em Cançado. Tal formalização passa, numa abordagem representacional ou mentalista, segundo classificação de Chierchia (2003, p. 40-42) – trabalhando com o conceito de prototipicidade segundo Rosch (1973) –, por relações intuitivas; recorreremos, desta forma, não somente a conhecimentos habitualmente chamados linguísticos como também a um conjunto de conhecimentos de ordem lógica, psicológica, sociológica, enfim, numa interpretação que vai além do sistema da língua. Afinal, como afirma Silva (2006, p. 297), o significado linguístico é enciclopédico, intimamente associado ao conhecimento do mundo e, da mesma forma, baseado na experiência e no uso; para o autor “Se o significado é uma conceptualização, então inevitavelmente tem tudo a ver com a experiência humana”. E para Oliveira (1996, p. 345) “uma teoria semântica adequada ao estudo das

línguas naturais tem de recorrer às intuições que constituem o núcleo dos dados empíricos relativamente aos quais a teoria semântica deve ser avaliada”. Ainda consoante a autora,

Ao fazer Semântica lingüística, é fundamental aprender a desenvolver argumentos semânticos e a explorar intuições semânticas de uma forma sistemática. No entanto, como noutras áreas da Lingüística, pode, por vezes, ocorrer alguma diversidade de juízos entre os falantes de uma língua, mas isso não deve fazer esquecer o facto de que esses juízos estão inter-relacionados (CANÇADO, 1996, p. 344).

Segundo Chierchia (2003, p. 40-41), na abordagem representacional ou mentalista, “o significado é essencialmente um modo pelo qual representamos a nós mesmos o conteúdo daquilo que se diz”. E essa ideia pode ser articulada de várias formas, como em termos de imagens mentais. Segundo o autor (2003, p. 41) “a sentenças como *A Mulher Gato come uma ave* corresponde uma pequena cena mental na qual a *Mulher Gato* executa uma certa ação, e assim por diante”. Para Chierchia (2003, p. 41), “é legítimo supor que o significado de uma expressão seja a imagem mental a ela associada”.

Rosch (1973) demonstrou que os falantes tendem a classificar uniformemente, por disporem de protótipos mentais, os exemplares de um certo tipo, com base na sua prototipicidade. É a conhecida teoria dos protótipos de Rosch. Em princípio, por exemplo, nenhum de nós teria dúvida de que um canário é uma ave mais típica do que um pinguim.

O modelo de Rosch – uma maneira de ver os dados que, segundo Kleiber (1990, p. 115-116), constitui incontestavelmente um formidável avanço em Semântica Lexical – concebe os conceitos como estruturados de forma gradual.

Na categorização prototípica, existem graus, enquanto a categorização clássica ou aristotélica permite apenas dois membros, o que está dentro e o que está fora da categoria. As categorias prototípicas são, portanto, flexíveis, podendo acomodar novas categorias, na condição de membros periféricos, a uma categoria protótipo, sem acarretar uma reestruturação fundamental no sistema categorial, assegurando certa estabilidade.

Há, segundo Rosch, um membro típico ou central de uma dada categoria (por exemplo, a categoria AVE) e outros membros menos típicos ou mais periféricos. Como afirma Silva (2006, p. 300), “Uma das conseqüências mais directas da prototipicidade é a própria existência de diferenças de saliência entre os membros de uma categoria”. Assim é que, na categoria AVE, há membros mais centrais ou típicos, como canários, periquitos, papagaios, e outros mais periféricos, como pinguins. Na categoria MAMÍFERO, por exemplo, homens e macacos são elementos mais típicos do que baleias, das quais certas propriedades assemelham-se muito a elementos da categoria PEIXE: vivem na água, têm barbatanas etc. Desta forma, a baleia pode pertencer a duas categorias, mas comumente a associamos à categoria PEIXE, por ela apresentar um maior número de propriedades desta categoria.

Não há dúvida, segundo Chierchia (2003, p. 41), de que “existe um olho da mente”, de que o significado de uma expressão possa ser a imagem mental a ela associada, ainda que, em certos casos, tal associação não esteja clara, e que a imagem mental seja passível de variação. E, segundo Cançado (2005a, p. 93-94), “evidências empíricas sugerem que o significado tem lugar não somente em um nível existente entre o mundo e as palavras, mas também no nível da representação mental.”

Nesta abordagem, nos valeremos também desse ‘olho da mente’, na caracterização, em propriedades semânticas, do Agente e do Paciente, em protótipos e *continuum*, descrevendo as propriedades semânticas que nos parecem mais típicas ou centrais do Agente e do Paciente e as propriedades que lhes são periféricas, num *continuum* que vai do Agente mais prototípico ao Agente menos prototípico, e do Paciente mais prototípico ao Paciente menos prototípico, com propriedades de interseção entre esses papéis temáticos.

Tratamos aqui os papéis temáticos Agente e Paciente como representações mentais, sob uma ótica semântica, como Jackendoff (1990), por exemplo; a sintaxe gerativa, por outro lado, prefere tratar os papéis temáticos numa perspectiva puramente estrutural, não considerando seu conteúdo semântico, tão somente a atribuição dos papéis temáticos aos argumentos.

Antes de passarmos à próxima seção, destacaremos aqui um aspecto: assumimos, neste texto, que, se pode ser verdade, como afirma Chafe

(1979, p. 97), que, na determinação dos papéis temáticos, “A influência semântica do verbo é dominante, estendendo-se sobre os nomes subordinados que o acompanham” – afinal, como afirma Cançado (2003, p. 102), é possível relacionar as propriedades desencadeador, afetado e estativo às três grandes categorias semânticas, ações/causações, processos e estados, e também, por exemplo, é geralmente com verbos de ação/atividade e de processo que ocorrem o Agente e o Paciente –, é verdade que não é o verbo sozinho que determina as relações temáticas na predicação, mas, tanto no que se refere ao argumento externo como no que se refere ao argumento interno, a composição global do predicado ou a expressão predicadora. O predicado como um todo determina não só o papel temático dos constituintes relacionados ao verbo, mas também pode determinar as propriedades semânticas que constituem estes papéis temáticos.

3. O Agente e o Paciente em um *continuum*

As definições apresentadas para o Agente e o Paciente não são muito precisas na bibliografia consultada; de modo geral, as definições aí apresentadas para os papéis temáticos são variáveis e frequentemente intuitivas, o que não é de estranhar-se, tendo em vista a natureza semântica do fenômeno, o que também pode justificar que, no tratamento dessa questão, a componente formal tenha sempre sido mais desenvolvida do que a componente conceitual. Mas, não por serem noções intuitivas, os papéis temáticos deixam de ter importância nas línguas, pois o seu conteúdo semântico restringe e/ou ordena a estrutura sintática das orações.

3.1 O Agente

O Agente prototípico, na nossa análise, caracteriza-se pelas propriedades semânticas desencadeador, controle, intenção e causa. São estas as propriedades que nos parecem típicas do Agente: quando pensamos no Agente, pensamos em alguém (animados de forma geral, João, um cachorro, enfim, seres vivos com poder de ação) que age intencionalmente, numa atividade física, e não em alguém que age sem o propósito ou intenção de agir, nem em inanimados, isto é o que assumimos neste trabalho¹. E, ainda, quando pensamos no Agente, pensamos em alguém que faz alguma coisa, intencionalmente, e de cuja ação resulta algo; daí a noção de causalidade com que trabalhamos aqui,

relação entre uma causa e o seu efeito. Essa é a imagem que associamos ao Agente prototípico: alguém agindo intencionalmente, numa atividade física que causa algum efeito que não recai sobre o próprio Agente.

A propósito da noção de causalidade como parte do Agente, Cançado afirma que

De fato, na atribuição de agentividade, sempre se pode mostrar que um certo evento foi causado pela ação do agente. Observe-se que a noção de causalidade envolvida nessa descrição é a de uma relação que se estabelece entre dois eventos: o que o agente fez e o que resultou de sua ação. Mas nem todo evento que se atribui a um agente pode ser explicado como causado por outro evento (CANÇADO, 1995, p. 103).

É verdade, como afirma Silva (2006, p. 299), que “‘causa’ é um conceito altamente complexo e diferenciado”, concordando com Faria (2003, p. 281-282), de acordo com quem “A noção de causalidade pode referir, quer a relação entre uma causa e o seu efeito, quer a relação entre um agente e o respectivo paciente, quer apenas uma parte da relação causal, nomeadamente o seu efeito ou resultado.” Quando propomos aqui que a propriedade semântica causa compõe o papel temático Agente, estamos trabalhando com uma noção de causalidade que envolve a relação entre uma causa e o seu efeito. E para nós todo Agente, seja mais, seja menos prototípico, apresenta a propriedade causa, e o efeito da ação/atividade pode configurar-se ou não num argumento verbal Paciente; por isso trabalhamos com a noção de causalidade como a relação entre uma causa e seu efeito, não apenas como a relação entre um Agente e seu respectivo Paciente. Ora, quando falamos na relação entre uma causa e seu efeito, o efeito engloba, inclusive, o Paciente, mas não necessariamente coincide com ele.

Parece-nos possível afirmar que, quando há, na oração, Agente, há também geralmente afetamento, ou de outro argumento na predicação ou participante no evento – um argumento verbal ou participante Paciente –, ou do próprio sujeito Agente, configurando-se, nesse caso, reflexividade, ou afetamento de dois participantes ao mesmo tempo: do próprio Agente e de outro participante no evento (havendo reflexividade aqui também); nos casos de reflexividade, configura-se

um Agente menos prototípico, segundo nosso ponto de vista, por tratar-se, como discutiremos mais adiante, de um Agente afetado.

A formalização que propomos do Agente prototípico é a seguinte:

(I) Agente prototípico → [desencadeador, controle, intenção, causa]

Na nossa concepção, como explicaremos melhor adiante, controle e intenção, apesar de terem uma relação estreita, não são a mesma coisa, daí falarmos separadamente em controle e intenção. Desencadeador e causa podem até ser vistos pelo leitor como sendo a mesma propriedade, como propriedades que se sobrepõem (o que consideramos também aceitável); optamos, entretanto, por tratar desencadeador e causa como propriedades semânticas diferentes, com o propósito de destacar, de um lado, que o Agente desencadeia uma ação, dá início a uma ação, e desse desencadeamento resulta um efeito, sendo, portanto, também, de outro lado, aquele que causa um efeito qualquer, pelo desencadeamento de uma ação.

Nas orações abaixo, vem destacado o que analisamos como Agente prototípico:

(1) *João* dobrou o papel.

JOÃO: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]

Função sintática: Sujeito

Dobrar: Verbo transitivo de ação/atividade²

Voz verbal: Ativa³

João na oração acima é, na nossa análise, exemplo de Agente prototípico, que desencadeia com controle e intenção uma ação, da qual resulta um efeito, que se configura em um argumento Paciente, *papel*.⁴

Nos exemplos seguintes, o Agente apresenta, somadas às propriedades prototípicas – desencadeador, controle, intenção e causa –, as propriedades semânticas afetado e experienciador, que, na composição desse papel temático, vêm sempre juntas e são as propriedades categóricas do Paciente não-prototípico, como veremos mais à frente, podendo dar-se uma experiência psicológica, cognitiva, perceptiva:

(2) *João* pulou do alto do precipício.

JOÃO: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito

Pular: Verbo intransitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

(3) *Maria* analisou demoradamente o projeto.

MARIA: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito

Analisar: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

João em (2) é um exemplo clássico do que afirma Klaiman (1988, p. 127) sobre a possibilidade de, em algumas línguas, um argumento ou participante ser considerado afetado, em razão de executar certas ações⁵. *João* em (2) e *Maria* em (3) são, na nossa concepção, desencadeadores com controle da ação descrita e também afetados por ela, mudando de estado físico e de estado psicológico.

Classificamos os argumentos destacados em (2) e (3) como Agentes afetados, sabendo que todo Agente afetado é também experienciador, porque, de acordo com o que assumimos aqui, todo Agente é animado, e todo participante animado que é afetado é também experienciador, como formalizaremos adiante.

O Agente em (2) e (3) trata-se de um Agente afetado, porque não podemos dizer que *João* e *Maria* aí tenham três papéis temáticos, Agente, Paciente e Experienciador, o que violaria o Critério Temático, segundo o qual, de acordo com Mioto *et al* (2005, p. 140), “(i) cada argumento tem que receber um e um só papel θ ; (ii) cada papel θ tem que ser atribuído a um e um só argumento”.

Seria possível, nessa abordagem flexível dos papéis temáticos, chamar também aos argumentos destacados em (2) e (3) de Experienciadores agentivos, por serem Agentes de atividades mentais, naturalmente sofrendo, ao mesmo tempo, mudança de estado psicológico, pelo que podemos dizer que todo Agente de atividades mentais é um Agente afetado; mas nem todo Agente afetado é um Agente de atividades mentais, podendo ser também um Agente de

atividades físicas. Outro autor, com outros objetivos que não os nossos, poderá preferir falar, o que é perfeitamente possível, em Experienciador agentivo a falar em Agente afetado.

Os Agentes de atividades mentais, como em (3), são, no nosso ponto de vista, Agentes ainda menos prototípicos do que os Agentes de atividades físicas, como em (2), já que assumimos que Agentes de atividades físicas são mais prototípicos do que Agentes de atividades mentais.

O afetamento do Agente em (3) é menos prototípico do que o afetamento do Agente em (2), porque, como veremos na próxima seção, o afetamento de natureza psicológica, no nosso modo de ver, é menos prototípico do que o afetamento de natureza física.

A propriedade afetado, presente nos argumentos Agentes em destaque nas orações de (2) e (3), é a única propriedade da qual se constitui o Paciente prototípico; aí no ponto onde se localiza, no *continuum*, esta propriedade, a agentividade vai dando lugar ao afetamento. Preferimos dizer afetamento a dizer passividade, em primeiro lugar porque a propriedade essencial do Paciente é afetado e, em segundo lugar, porque comumente se associa o termo passividade à voz verbal passiva, e o Paciente extrapola a voz passiva.

Os exemplos (2) e (3), de Agentes afetados – desencadeadores com controle da ação e afetados por ela – demonstram que é possível haver reflexividade sem configurar-se voz reflexiva. Ou seja, da mesma forma que a passividade, como ressaltamos acima, extrapola a voz passiva, também a reflexividade extrapola a voz reflexiva. Trata-se da autonomia entre a sintaxe e a semântica.

Todos os exemplos de Agente apresentados até aqui têm, na sua composição, a propriedade intenção, associada à propriedade controle. É pouco comum o Agente apresentar a propriedade controle e não apresentar a propriedade intenção; pouco comum, não impossível. Portanto, se podemos dizer que intenção implica controle, não é verdadeiro dizer, por outro lado, que controle implica intenção. Vejamos as orações abaixo:

(4) *João* quebrou o vaso original, achando que era o falso.

JOÃO: Agente → [desencadeador, controle, causa, afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito

Quebrar: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

João, em (4), tem controle da ação, mas não intenção; a expressão predicadora, usando a denominação de Franchi (1997), *quebrar o vaso original, achando que era o falso*, leva-nos a analisar *João* como um Agente sem intencionalidade.

O Agente, no nosso modo de ver a questão, pode não ter, ocasionalmente, intencionalidade, mas tem que ter controle da ação/atividade. Se é verdade, como afirma Silva (2006, p. 298), que “a pertença a uma categoria não requer a verificação de todas as propriedades esperadas, donde os seus membros não precisarem de partilhar um conjunto de propriedades comuns”, assumimos aqui também como verdade que, para um argumento pertencer à categoria Agente, não pode prescindir das propriedades desencadeador, controle e causa. E propomos, então, a seguinte formalização (os parênteses significam ‘propriedade facultativa’):

(II) Agente → [desencadeador, controle, (intenção), causa, (afetado), (experienciador)]

São essas, portanto, as propriedades semânticas que propomos para a caracterização do Agente: desencadeador, controle, intenção, causa, afetado e experienciador. As quatro primeiras são propriedades prototípicas do Agente, sendo as duas primeiras e a quarta propriedades essenciais do Agente, e a quinta e a sexta propriedades são propriedades não-prototípicas do Agente.

A seguir, apresentamos um *continuum* de propriedades na caracterização do Agente, constantes nele as propriedades mais e menos prototípicas desse papel temático:

(III) AGENTE

→

Desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador

.....(+).(-).....

Agente prototípico

Agente afetado

3.2 O Paciente

É somente uma a propriedade semântica que nos parece essencial do Paciente: a propriedade afetado, que, segundo Cançado (2005, p. 34), implica sempre mudança de um estado A para um estado B, podendo, segundo a autora, ser mudança de estado físico, mudança de estado de vida, mudança de estado psicológico, mudança de posses, mudança de lugares, mudanças em geral. Trabalhamos aqui com um conceito mais restritivo de afetamento: para nós a propriedade afetado pode abarcar apenas dois tipos de mudança: mudança de estado físico (que inclui mudança de estado de vida), de natureza concreta, e mudança de estado psicológico, de natureza abstrata.

Quando pensamos na noção de Paciente, pensamos em algo, em um inanimado, que sofre mudança de estado físico, mudança de natureza concreta, ou que resulta de uma ação/atividade ou de um processo, sofrendo também mudança de estado físico, como uma casa, que é construída, resultando de uma ação/atividade, ou um milho, que vai crescendo, por exemplo, resultando de um processo. Essa é a imagem que fazemos do Paciente prototípico: algo, um inanimado, inativo, passivo, que muda de estado físico ou resulta de uma ação/atividade ou de um processo.

Eis a formalização que propomos para o Paciente prototípico:

(IV) Paciente prototípico → [afetado]

O Paciente prototípico parece ter seu lugar sobretudo em orações transitivas prototípicas, havendo um sujeito Agente intencional e um objeto direto Paciente:

(5) *Maria varreu o chão.*

CHÃO: Paciente → [afetado]

Função sintática: Objeto direto

Varrer: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

Em (5), destacamos um argumento inanimado, concreto, que é afetado pela ação/atividade de um Agente intencional – numa oração transitiva prototípica –, mudando de estado físico.

(6) *O milho cresceu.*

MILHO: Paciente → [afetado]
 Função sintática: Sujeito
Crescer: Verbo intransitivo de processo
 Voz verbal: Ativa

Em (6), o Paciente, inanimado, resulta de um processo, também mudando de estado físico, de um instante a outro. O Paciente, seja inanimado ou animado, quando resulta de um processo, geralmente configura-se sintaticamente como sujeito.

No exemplo seguinte, temos um paciente animado, sujeito, resultante de um processo:

(7) Maria nasceu ontem.
 MARIA: Paciente → [afetado, experienciador]
 Função sintática: Sujeito
Nascer: Verbo intransitivo de processo
 Voz verbal: Ativa

Trata-se aí de um Paciente não-prototípico, por ser animado, apresentando a propriedade experienciador, como em (8):

(8) João felizmente sarou.
 JOÃO: Paciente → [afetado, experienciador]
 Função sintática: Sujeito
Sarar: Verbo intransitivo de processo
 Voz verbal: Ativa

Parece-nos possível dizer que todo Paciente animado é sempre experienciador, enquanto os Pacientes inanimados, que consideramos prototípicos, não o são; estes sofrem sempre e apenas afetamento físico, de natureza concreta, não de natureza psicológica, abstrata, como aquele. Vamos propor, então, a seguinte formalização:

(V) Paciente animado → [afetado, experienciador]

Ou seja:

(VI) Paciente animado = Paciente não-prototípico

O Paciente animado nem sempre sofre mudança de estado psicológico e de estado físico ao mesmo tempo, como em (7) e (8). É possível que o afetamento seja apenas de natureza psicológica, como em (9), configurando-se um Paciente ainda menos prototípico, na nossa concepção:

(9) O anúncio de greve na empresa preocupou *João*.

JOÃO: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Objeto direto

Preocupar: Verbo transitivo de processo

Voz verbal: Ativa

Chamamos aos argumentos destacados em (7), (8) e (9) de Pacientes experienciadores; poderíamos chamá-los ainda – mas não é a nossa opção – de Experienciadores afetados. Como afirma Cançado,

O Experienciador é compatível com os traços de Paciente (...) e também compatível com traços de Agente (...) No sentido estrito do termo, “Experienciador”, portanto, é uma etiqueta que recobre diferentes papéis temáticos, reunidos por terem um traço comum (CANÇADO, 1995, p. 114-115).

Esse tratamento dos papéis temáticos em propriedades semânticas favorece uma maior flexibilidade na atribuição de papéis temáticos, o que consideramos mais realista e também vantajoso para a descrição.

As propriedades desencadeador, controle, intenção e causa podem, ocasionalmente, fazer parte do Paciente, um Paciente agentivo, o tipo de Paciente que consideramos o menos prototípico de todos, como nas orações que seguem:

(10) *Maria* recebeu o anel de João.

MARIA: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]

Função sintática: Sujeito

Receber: Verbo transitivo de processo

Voz verbal: Ativa

(11) O professor correu *o garoto atrevido* para fora da sala.

GAROTO: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]

Função sintática: Objeto direto

Correr: Verbo intransitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

Os Pacientes agentivos ocorrem normalmente com verbos do tipo *dar* ou *receber*, que selecionam um argumento ‘destinatário’, como em (10).

Orações como (11) são, segundo Cançado (2005b, p. 30), comuns no português coloquial brasileiro. Ela dá outros exemplos: “A mãe casou a filha bem”, “O pai estudou todos os filhos até a faculdade”.

Em resumo, são essas as propriedades semânticas que propomos para a caracterização do Paciente: afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção e causa, sendo que a primeira delas é a propriedade essencial do Paciente, e a segunda, em se tratando de Paciente animado, está sempre associada à propriedade afetado, como achamos ser verdadeiro. As quatro últimas propriedades aí listadas só participam ocasionalmente da composição do Paciente.

Apresentamos, abaixo, um *continuum* de propriedades na caracterização do Paciente, que vai das propriedades mais prototípicas, à esquerda, às propriedades menos prototípicas, à direita:

(VII) PACIENTE

→

Afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa

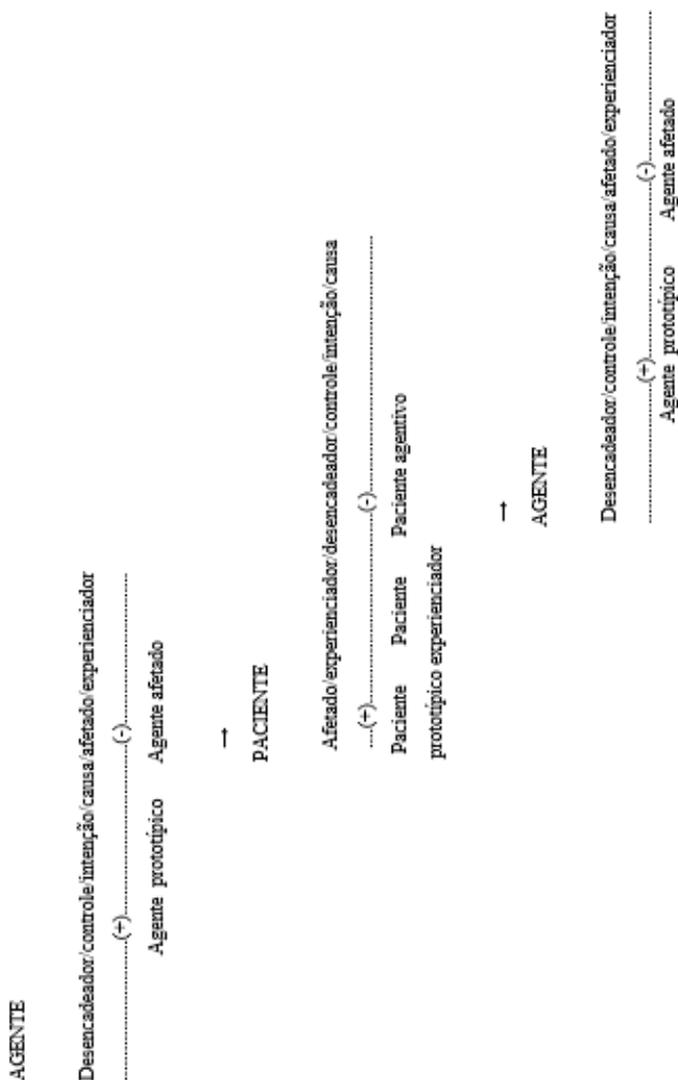
.....(+). (-).....

Paciente Paciente Paciente agentivo

prototípico experienciador

4 Resumindo para concluir

Apresentamos, a seguir, em conjunto, o *continuum* de propriedades semânticas caracterizadoras do Agente e o *continuum* de propriedades semânticas caracterizadoras do Paciente, para concluirmos esta exposição:



Esquema 1: *Continuum* de propriedades semânticas do Agente e do Paciente.

Está aí, portanto, a nossa proposta, com base em dados da língua portuguesa, para a caracterização dos papéis temáticos Agente e Paciente em propriedades semânticas prototípicas e não-prototípicas.

Visualizando, em conjunto, o *continuum* de propriedades semânticas do Agente e o *continuum* de propriedades semânticas do Paciente, notamos que as noções de Agente e Paciente não são inteiramente opostas nem distantes; pelo contrário, todas as propriedades propostas para a caracterização do Agente são também propriedades para a caracterização do Paciente, com a diferença de que as propriedades mais prototípicas do Agente – desencadeador, controle, intenção e causa –, sendo desencadeador, controle e causa as suas propriedades essenciais, são as menos prototípicas do Paciente, e a propriedade essencial do Paciente, que é a propriedade afetado, sendo o Paciente prototípico um inanimado, é a menos prototípica do Agente, ao lado da propriedade experienciador, que é também propriedade não-prototípica do Paciente, categórica, no nosso ponto de vista, do Paciente animado, que pode ser de dois tipos: Paciente experienciador e Paciente agentivo. Desta forma, o afetamento – relativo à propriedade afetado e experienciador, entendendo que o afetamento pode abarcar dois tipos de mudança, mudança de estado físico e mudança de estado psicológico – pode fazer parte, em eventos de ação/atividade ou de processo, do Agente, o Agente afetado, que é menos prototípico, sobretudo o que sofre, além de afetamento psicológico, afetamento de natureza física, e a agentividade – o que chamamos ao conjunto das quatro propriedades prototípicas do Agente: desencadeador, controle, intenção e causa – pode fazer parte do Paciente, o Paciente agentivo, o menos prototípico de todos, em eventos de processo, mas também em eventos de ação/atividade.

Referências bibliográficas

CANÇADO, M. (1995). *Verbos psicológicos: a relevância dos papéis temáticos vistos sob a ótica de uma semântica representacional*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP.

_____. (2003). Um estatuto teórico para os papéis temáticos. In: MÜLLER, Ana Lúcia; NEGRÃO, Esmeraldo; FOLTRAN, M. J. (Org.). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto. p. 95-124

_____. (2005a) *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

- _____. (2005b). Posições argumentais e propriedades semânticas. *D.E.L.T.A.*, v. 21, n. 1, p. 23-56.
- CHAFE, W. (1979). *Significado e estrutura lingüística*. Trad.: Maria Helena de Moura Neves, Odete Gertrudes, Luiza Campos, Sônia Rodrigues. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.
- CHIERCHIA, G. (2003). *Semântica*. Trad.: Luis Arthur Pagani, Lígia Negri, Rodolfo Ilari. Campinas/Londrina: UNICAMP/Eduel.
- DOWTY, D. (1989). On the semantic content of the notion of Thematic Role. In: Chierchia, Partee e Turner (Org.). *Properties, types and meaning. Studies in Linguistic and Philosophy*, 2: Semantic Issues. Daordrecht: Kluver. p. 69-129.
- FARIA, I. H. (2003). A propósito de causalidade. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. (Org.). *Razões e emoções: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. v. 1. Lisboa: IN-CM. p. 279-290.
- FRANCHI, C. (1997). Predicação. In: CANÇADO, M. (Org.). Predicação, relações semânticas e papéis temáticos: Anotações de Carlos Franchi. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 11, n. 2. p. 17-81.
- GRUBER, J. (1965). *Studies in lexical relations*. Tese de Doutorado. Cambridge: MIT Press.
- JACKENDOFF, R. (1990). *Semantic structures*. Cambridge: MIT Press.
- KLAIMAN, M. (1988). Affectiveness and control: a typological study of voice systems. In: SHIBATANI, M. (Ed.). *Passive and voice [Typological studies in language]*, v. 16. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamin. p. 123-135.
- KLEIBER, G. (2005). *La sémantique du prototype: catégories et sens lexical*. Paris: Puf, 1990.
- MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. (2005). *Novo manual de sintaxe*. 2 ed. Florianópolis: Insular.
- NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- OLIVEIRA, F. (1996). Semântica. In: FARIA, I. H.; PEDRO, E. R.; DUARTE, Inês; GOUVEIA, C. (Org.). *Introdução à linguística geral e portuguesa*. 2 ed. Lisboa: Caminho. p. 333-379.
- OLIVEIRA, M. F. de (2009). *O Agente e o Paciente em língua portuguesa: caracterização em propriedades semânticas e estudo diacrônico*. Tese de Doutorado. Salvador: UFBA.

PONTES, E. (1986). *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo/Brasília: Ática/Instituto Nacional do Livro, Fundação Nacional Pró-Memória.

RAPOSO, E. P. (1992). *Teoria da gramática. A Faculdade da linguagem*. 2 ed. Lisboa: Caminho.

ROSCH, E. (1973). Natural categories. *Cognitive Psychology*, v. 4. p. 328-359.

SILVA, A. S. da (2006). *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina.

Palavras-chave: Agente e Paciente, Semântica Lexical, Protótipos.

Keywords: Agent and Patient, Lexical Semantic, Prototypes.

Notas

¹ De acordo com Pontes (1986, p. 237), “Agente pode, para certos falantes, ser um inanimado, desde que cause um efeito em um objeto, por sua ação”.

² Adotamos aqui a classificação semântica dos verbos proposta por Neves (2000).

³ A voz verbal, neste trabalho, é classificada segundo a Gramática Tradicional (GT); fazemos, entretanto, diferença no caso de verbos com *se*, entre voz reflexiva e voz média (dinâmica) e classificamos orações com verbo de ligação ou copulativo como orações de voz adjetival. Optamos por classificar, por exemplo, uma oração como “João perdeu todo o ódio” ou como “Maria engordou alguma coisa” como oração na voz ativa, conforme classificação da GT, para mostrar que, mesmo na chamada voz ativa, há sujeito Paciente, haja vista que *perder* e *engordar* são verbos de processo.

⁴ Para Pontes (1986, p. 237) o Agente, em orações ativas transitivas como (1), *João dobrou o papel*, é mais Agente do que o Agente em orações ativas intransitivas, em *João correu*.

⁵ Para Jackendoff (1972), que retoma a proposta de Gruber (1965), propondo um esquema conceitual abstrato, cuja principal função é a de Tema, classificando os verbos semanticamente em dois grupos, verbos de deslocação ou movimento – que implicam a existência de um Tema, de uma Fonte e de um Alvo – e verbos de localização ou estativos – que implicam a existência de um Tema e de um Lugar –, classificação que não adotamos neste trabalho, *João*, num exemplo como (2), assume dois papéis temáticos: Agente, por ser responsável pela ação descrita, e Tema, por mudar de estado; mas essa análise de Jackendoff viola o Critério Temático.